



# 2009

## Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

### ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[17.02.2009](#) – Inauguração do Monumento aos Combatentes – Leiria

[11.04.2009](#) – Dia Nacional do Combatente (Estremoz)

[20.05.2009](#) – Lançamento do livro «Tempo Africano»

[10.06.2009](#) – Congresso de Combatentes – Sessão de Abertura

[11.06.2009](#) – Congresso de Combatentes – Sessão de Encerramento

[21.09.2009](#) – Dia Internacional da Paz

[14.11.2009](#) – 91.º Aniversário do Armistício da Grande Guerra, 86.º Aniversário da Liga dos Combatentes e 35.º Aniversário do Fim da Guerra do Ultramar

[26.11.2009](#) – Memorial aos Combatentes da Figueira da Foz Mortos no Ultramar

[15.12.2009](#) – Mensagem de Natal

## INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES, EM LEIRIA

17 de fevereiro de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. senhores

Governador Civil de Leiria,  
Representante do presidente da Câmara Municipal de Leiria,  
Senhor presidente da Junta de Freguesia de Leiria,  
Senhor 2.º Comandante do RAL4 e senhor Comandante da PSP,  
Autoridades civis, militares e religiosas,  
Presidentes de Núcleos da Liga dos Combatentes,

Caros combatentes  
Minhas senhoras e meus senhores

Este ato simples, mas de profundo significado deixará, na cidade de Leiria, mais um marco da já longínqua quanto significativa história das suas gentes.

Na linha do que vem sucedendo no Portugal profundo, emanando da iniciativa das populações e dos combatentes, com a adesão e apoio das autarquias, têm-se erguido inúmeros padrões de reconhecimento aos portugueses vivos e mortos a quem, como cidadãos fardados com o uniforme das forças armadas, foi determinado defendessem de armas na mão, os interesses politicamente considerados vitais do país.

Nesta cidade de Leiria, com os seus rios Lis e Lena, de alveu estreito e margens frondosas, testemunhas permanentes, conjuntamente com os penhascos envolventes, da ação do homem ao longo da sua história, recordam os episódios locais que conduziram ao levantamento do castelo, os fastos guerreiros, assaltos de multidões armadas, desespero de sitiados e lutas peito a peito”, enfim ao nascimento e consolidação de Portugal.

Hoje, embora sempre na nossa memória coletiva e servindo-nos de exemplos a seguir, não estamos aqui para evocar nenhum episódio histórico local que as condições de defesa e de fácil subsistência neste espaço geográfico e humano, as suas gentes sempre proporcionaram.

Não. Hoje evocamos episódios da história moderna de Portugal, escritos ontem e hoje a dezenas de milhares de km de Leiria e desse Portugal, por cidadãos aqui nascidos e de que os leirienses e os portugueses bem formados e informados, muito se orgulham.

Quis o destino que os feitos dos que aqui homenageamos hoje, encerrassem um ciclo áureo da história de Portugal: um ciclo que se iniciou em Ceuta e terminou em Macau e Timor após o regresso de África: o ciclo dos descobrimentos.

Como combatentes, mais de um milhão de portugueses proporcionaram ao poder político de então, durante treze anos, tempo e espaço de manobra para soluções políticas negociadas nunca aceites.

Como cidadãos, militares de então, devemos assumir sem qualquer sentimento de culpa que por vezes nos querem atribuir, que fizemos a guerra onde nos faziam a guerra, procurando a paz e criámos condições de desenvolvimento e de relação com as populações, como jamais havia acontecido na história daqueles territórios.

Como militares cumprimos um dever, a história encarregar-se-á um dia de classificar os feitos de armas levados a cabo pelas nossas forças armadas em vários teatros de operações, de 1961 a 1974. É com muita honra que afirmamos que nós combatentes pertencemos a essas forças armadas.

À memória dos que tombaram e ao esforço dos que hoje ainda vivos podem testemunhar a dureza da guerra, que então se viram obrigados a enfrentar, se dedica este monumento, o qual, como sempre afirmo em idênticas circunstâncias, desejamos se transforme num monumento vivo e sentido pela população de Leiria, em especial pela sua juventude.

A Direção Central da Liga dos Combatentes está reconhecida à câmara municipal de Leiria e aos pensadores e executores da obra, pela forma como entenderam interpretar, não só os acontecimentos, mas os anseios dos combatentes e suas famílias em particular, bem como o sentimento geral da população.

Permitam-me uma palavra de apreço à dinâmica direção do núcleo de Leiria da liga dos combatentes e ao seu presidente, que com a inauguração deste monumento vê cumprido mais um dos seus e nossos objetivos.

O meu muito obrigado pela vossa presença

Vivam os Combatentes de Portugal  
Viva Portugal

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## DIA NACIONAL DO COMBATENTE – ESTREMOZ

11 de abril de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Comemora-se, hoje, em Estremoz, mais uma vez, o Dia do Combatente. Junta-se assim esta cidade aos setenta e seis locais, no país e no estrangeiro, onde, por estes dias, os Núcleos da Liga comemoram esta efeméride. Comemora-se, evocando o 9 de abril. Um momento marcante para a participação de Portugal no primeiro dos terríveis acontecimentos e de terrível atrocidade que marcariam todo o século XX. Evocamos o 91º Aniversário da Batalha de La Lys. Batalha de La Lys que é o expoente máximo do esforço português na I Grande Guerra e a marca profunda da nossa razão de ser, como Instituição. A Batalha de La Lys e a memória dos que ali se bateram são o verdadeiro ADN da Liga dos Combatentes. Nascermos e crescemos com essa marca de origem e nela e nos princípios éticos e humanitários delas resultantes, nos reconhecemos ainda hoje, não obstante os diversos conflitos que desde então tivemos que enfrentar.

Mas para nós combatentes, para nós cidadãos deste país, evocar o 9 de abril de 1918, significa também evocar 1140, 1385, 1640, 1961, 1974 e todas as outras datas em que os soldados de Portugal tiveram que escrever, com vitórias e derrotas, com coragem, heroicidade e morte, a História que identifica Portugal como país soberano e independente. É relembrar a relação desta terra, que é Estremoz, com as suas mais antigas tradições históricas, militares e da vida política, enfim, a sua relação profunda com o Portugal de sempre. Aqui nos encontramos hoje, com D. Afonso III, D. Diniz, D. Afonso IV, D. Pedro I, D. Fernando, ou com as expedições de D. Nuno Alvares Pereira contra Castela que fez desta vila, a base militar de toda a sua vitoriosa e fulminante campanha. Ou por esse século XVII em que ressoam nas muralhas desta terra, os nomes de Ameixial, Montes Claros ou Linhas de Elvas. Ou com os que daqui saíram connosco a caminho de África e alguns não mais voltaram. Evocar um dia do Combatente é, pois, evocar os valores que cimentaram um povo, uma forma de estar no mundo, uma cultura, uma identidade.

Por isso hoje é dia de Combatentes, de Heróis e de Santos. Combatentes, Heróis e Santos que constituindo exemplo a seguir, são ou foram cidadãos normais a quem a vida terrena sorriu ou foi forte madrasta. É para estes Combatentes Heróis e Santos a quem a vida não sorriu, que a Liga dos Combatentes ao longo da sua centenária vida, mais dedicou os seus esforços. Sublinhámos a História e seus Valores. Deixemos a Memória dos que aqui evocamos hoje e debrucemo-nos sobre a outra nossa grande e permanente preocupação: a dignidade dos vivos. Na prossecução desse objetivo continuamos hoje, nesta “Liga em Movimento”, se quiserem nesta “Sempre Nova Liga” com o lema que estabelecemos gritando bem alto “Liga dos Combatentes Valores Permanentes, Liga dos Combatentes em todas as Frentes”.

- Na frente da Solidariedade e do Apoio Mútuo;
- Na frente da Cultura, da Cidadania e da Defesa;
- Na frente da Conservação das Memórias;
- Na frente da Inovação e da Modernização;
- Na frente do Apoio Médico, Psicológico e Social;
- Na frente da Inclusão Social.

Na frente do Apoio de Emergência onde e quando for necessário. Na frente da Defesa da Perenidade da nossa Instituição transmitindo o testemunho àqueles que servem Portugal nas

Operações de Paz e Humanitárias. Enfim, na frente da Promoção da História e dos Símbolos Nacionais, principalmente junto da juventude.

Na frente da Solidariedade e na frente da Promoção da História, permitam-me que regresse a Estremoz e lance dois pedidos de apoio ou se quiserem dois apelos. Um, no campo da Solidariedade, ao Senhor Presidente da Câmara de Estremoz, que em permanência nos tem compreendido e apoiado. Vem a Liga dos Combatentes desenvolvendo o seu Programa Estruturante Liga Solidária, há seis anos.

Decidimos transformar o Lar dos Filhos dos Combatentes no Porto em Lar dos Combatentes. Fomos apoiados pelo Ministério da Defesa Nacional e obtivemos no mesmo espaço, que é propriedade da Liga, apoio do Ministério da Segurança Social, para a construção e uma creche. Iniciadas as obras, esperamos que em 2010 possamos fazer a sua inauguração. Obtivemos terrenos cedidos por escritura pública em Oliveira de Azeméis, Covilhã, Caldas da Rainha, Vila de Rei e Estremoz para erguer Casas para a Idade de Ouro dos Combatentes e suas famílias.

Elaborámos e pagámos os projetos. Concorremos por duas vezes ao Sistema PARES aberto pelo governo para esta finalidade. Estremoz lá estava. Não fomos contemplados. Mas continuámos. Fizemos terraplanagens, vedámos o terreno. Adaptámos o projeto. Está novamente aberto pelo governo um novo concurso para apoio nesta área.

Solicito a V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> Senhor Presidente da Câmara, o seu interesse e empenhamento, que consideramos extremamente importante, para que em Estremoz, em apoio plurimunicipal e abrangente do Sul do país, os combatentes e suas famílias, vejam este seu sonho materializado.

A Liga dos Combatentes não desiste. Nem eu desisto. E por isso, embora no fim deste meu mandato, disponibilizo-me a continuar, para contribuir para irreversibilidade deste processo. Não fazemos promessas. Lutamos dia a dia. O Outro apelo, o outro desafio, se quiserem, dirijo-o ao Senhor Comandante do Regimento de Cavalaria 3. Vem a Liga dos Combatentes aumentando o número de Núcleos e de novos Sócios.

Somos uma Instituição a crescer. Todo o cidadão e todo o militar ou antigo militar pode ser Membro da Liga. Os nossos valores são aqueles que o senhor comandante exige aos soldados sob seu comando que abracem e desenvolvam. Apelo a V.<sup>ª</sup> Ex.<sup>ª</sup> que apresente aos seus homens, como exemplo de sentido patriótica e humanitário, a Instituição Liga dos Combatentes. Que os conduza a que voluntária e convictamente decidam tornar-se membros da Liga dos Combatentes. Todos, Oficiais, Sargentos e Praças. Passará a ser um exemplo a seguir. Nada mais pedimos que o pagamento de uma quota de um euro e meio por mês, ao serviço dos que mais precisam. Retribuímos moral e materialmente com muito mais. Faço pela primeira vez este apelo público. Faço-o e dirijo-o a todas as unidades das Forças Armadas e das Forças de Segurança. E aos cidadãos do meu país. Ser sócio da Liga dos Combatentes é um dever moral. Os nossos Planos de Solidariedade e de Emergência e o momento que vivemos, ainda mais o justificam.

Senhor Comandante do Regimento de Cavalaria 3.

Os combatentes contam com o seu empenhado contributo para que esta finalidade seja atingida junto da juventude que voluntariamente serve, na sua unidade, as Forças Armadas nas diversas missões no país e no estrangeiro. Importa, pois, que, junto desta juventude, hoje, se continuem a evocar os portugueses a que Eça de Queiroz chamava de patriotas, ou seja os portugueses que

defendiam o progresso de Portugal. Os que olham o futuro. Não os que ele denominava de “patrioteiros”, ou seja, os que se quedavam saudosistas do passado. Nós ao evocarmos o passado não nos quedamos aí. Nós olhamos o futuro. Também não somos dos que “têm medo do Lobo” no dizer de Saramago, mas tão pouco somos dos “patrioteiros” que Saramago gosta de encarnar como destino nacional. Nós combatentes conhecemos as ameaças que normalmente impendem sobre Portugal: - a ameaça da escrita e a ameaça do canhão. Recordo a propósito um poema do meu livro Geração, onde escrevi, sob o título “Todas as armas”:

*A tua “arma é aquela escrita”  
A tua poesia o não  
Enquanto escreves liberdade  
Temos outras armas na mão*

*As armas da força expedita  
Armas Liberdade e Razão  
Armas que permitem à escrita  
Dizer livremente sim... não!*

*Pátria é visão infinita  
Dos que a têm no coração  
Seja com caneta, marmita  
Com escrita ou força de canhão.*

Hoje, conjunturalmente temos também entre nós, a ameaça do desemprego, da fome e da dificuldade de cumprir os compromissos, resultante do terrorismo financeiro, económico e social que envolveu o mundo.

Para fazer face a todas as ameaças, os Membros da Liga dos Combatentes devem estar preparados para, com o seu saber, determinação e espírito de sacrifício e de solidariedade, rompendo com o que no presente for inaceitável, contribuir para o restabelecimento da confiança e de uma nova vida num Mundo Novo.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## APRESENTAÇÃO DO LIVRO «TEMPO AFRICANO» DE MANUEL BARÃO DA CUNHA

20 de maio de 2010

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor

Presidente da Câmara Municipal de Oeiras  
General Presidente da Comissão de História Militar  
Presidente do Núcleo de Oeiras da Liga dos Combatentes  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Com a sessão de hoje, a quinta, termina esta primeira fase das tertúlias sobre os escritores militares e o Fim do Império.

Julgamos terem tido o êxito pretendido e para isso contribuiu o apoio da Câmara Municipal de Oeiras e do seu Presidente Dr. Isaltino Morais garantindo a possibilidade de podermos utilizar este espaço e a sua tradição.

O meu apreço ao Cor Manuel Barão da Cunha e ao senhor Presidente do Núcleo de Oeiras, Cor Montês que coordenou esta ação por parte da Liga

A feliz coincidência de mais um aniversário da Verney a que com muita honra nos associamos, tornam este dia um dia verdadeiramente festivo, já que se homenageia também quem lhe deu vida e projeção.

“Desde há muitos séculos que o homem encara a obra literária como uma forma de superação e de libertação de elementos existenciais adversos e como uma procura de paz e de harmonia íntimas”. Parece ser esta ótica, que João Aguiar no prefácio desta obra de Barão da Cunha advoga, quando afirma que é urgente fazer a catarse da guerra e da perda do Império. Não parece empregar o termo na ótica da linguagem religiosa em que a catarse conduz à purificação ritual ou na da linguagem médica que a identifica com um processo purgativo que retira do corpo os elementos nocivos.

Nem tão pouco Aristóteles advogava como ideal a apatia, ou seja, a libertação da alma de qualquer paixão.

Parece-me pois que, na linha de muitos combatentes escritores, nesta obra, Barão da Cunha procura a paz e harmonia consigo mesmo transmitindo aos outros uma experiência de vida, de que não mostra arrependimento, nem saudade, nem tão pouco desejo de libertação de uma paixão incomodativa, mas onde se respira um sentimento de quem se orgulha de ter vencido o medo, o risco e de ter sido capaz de conduzir homens em situações extremamente difíceis, no cumprimento de uma missão militar ao serviço do seu país. Só assim se entende que tenha sentido o desejo de visitar essas situações e essas emoções, dando-lhes uma tonalidade enriquecida pela presença de outros curiosos personagens e praticamente reeditando uma das suas primeiras obras. De tal forma que o exercício feito há longos anos, não lhe retirou as paixões e o desejo de o reproduzir e retransmitir aos portugueses de hoje, de uma forma atual e lúcida que lhe dá atualidade e profundidade histórica. Mas o que apetece sublinhar mais é a honestidade intelectual, clareza e frontalidade com que fala da guerra e dos acontecimentos vividos.

Tive o mesmo sentimento ao ler este livro, que tive ao ler António Lobo Antunes quando escreve sobre a guerra de África. O sentimento de estar a ler alguém intelectualmente honesto. Este livro de Barão da Cunha, segue aquela linha de pensamento que acredita ser possível escrever sobre história militar, sem obrigatoriamente se deixar politizar.

Nessa linha encontram-se aqueles que, como o americano John Cahn, de uma forma equidistante e independente, descrevem e analisam com profundidade a ação das Forças Armadas Portuguesas, durante treze anos de guerra, em três teatros de operações, a muitos milhares de quilómetros da retaguarda logística, contra cinco movimentos inimigos diferentes, alimentados pelos dois grandes da Guerra Fria.

Identificam mesmo na guerra de África 1961/1974 “um modo português de fazer a guerra”. É esse modo português de fazer a guerra que respiramos ao ler Tempo Africano. A descrição dos factos, extremamente personalizada, factual e descritiva que sistematicamente nos leva a perguntarmos como é possível descrever com tal pormenor e momento a momento.

Por outro lado, os diálogos e a descrição real, dos acontecimentos descendo ao nível individual do comportamento na guerra, mostram como foram evidentes a necessidade de liderança, de chefia, de comando, de capacidade de decisão, coragem, espírito de missão, determinação, camaradagem, entreaajuda, exemplo, dureza, capacidade de sacrifício, bom senso, lealdade, autodomínio, enfim de muita tolerância e de muito humanismo. Humanismo que transborda quer durante a atividade operacional quer nos vários encontros pós-guerra e nas profundas amizades criadas.

A Página 251, “Passados anos, estão todos à mesa da esplanada: “Saem pregos com gindungo” e vêm “quitetas com “cuca preta”. E o mar espreguiça-se mansamente no areal da ilha.

- Sim, são emoções que guardamos para sempre. Isto é o que nos faz diferentes dos outros” (fim de citação).

Felizmente, ou não, não estamos entre aqueles a quem, como diz João Aguiar, é difícil apreender o conteúdo por não terem vivido experiências semelhantes.

Passei os anos de 1963 e 1964 nos Dembos, precisamente nos espaços e locais referenciados no livro do Barão da Cunha. De Quicabo a Quicua passando por Balacende, Beira Baixa, Onzo e Quipedro ou de Mucondo, Tari, Muxaluando, Nambuanguo, Faz Madureira, Zala, Bela Vista e Vila Pimpa, localidades que materializavam os itinerários em X que recortavam os Dembos e os tornavam, como à sua floresta densa, numa área penetrável.

Por isso, ao ler a ação do Barão da Cunha e das suas forças em 1961 nos Dembos, (como dizes: “naquela noite de Agosto de 1961 aquele punhado de homens isolado nos Dembos não conseguia descansar”)(fim de citação) no início do conflito, desbravando o desconhecido, e tendo eu vivido o que aquilo era e o que ali acontecia em 1963 e 64, e continuou nos anos seguintes, onde não havia possibilidade de qualquer autoridade administrativa pela simples razão de que não havia população apresentada, a área era uma verdadeira área militar, aliás a única do género em Angola, onde o inimigo não se via mas sempre que podia matava, sinto uma profunda admiração pela forma como a obra que comentamos, nos transmite os problemas humanos, logísticos e operacionais das chamadas pequenas unidades em guerra subversiva quer em Angola quer na Guiné.

Meu caro Barão da Cunha

Apenas mais dois apontamentos. Respira-se no teu livro o teu respeito e orgulho por teres sido Dragão de Angola.

Por outro lado, embora tenhas o curso geral de estado-maior, não deixas de fazer um comentário ao estado-maior, como é tradição. Permite que deixe uma referência aos teus Dragões e outra aos oficiais de Estado-Maior. Tenho para mim que todos os ramos, armas e serviços são importantes, mesmo fundamentais, bem como a sua eficiência e competência são necessárias a quaisquer Forças Armadas.

Pode contribuir-se para o sucesso em qualquer função que nos seja atribuída. Gostava de te dizer que precisamente nos anos em que revisitavas Angola nos anos setenta,” e da varanda da pastelaria Versalhes olhavas a rua” eu fazia a minha segunda comissão, também em Angola, agora no Comando da Região Militar e Comando Chefe, como oficial de estado-maior e número dois das operações em Angola.

Permitam-me que assinale o que o General Costa Gomes afirma a José Freire Antunes, a Pág. 118 do I Volume Livro «A Guerra de África 1961 1974: ”Eu e o meu oficial de operações o atual General Chito Rodrigues mudámos completamente o centro de operações.

Em seis meses transferimos o centro de operações do Norte para o Leste” (fim de citação). De facto, face ao estudo do inimigo, concebi, planeei e propus superiormente ao General Costa Gomes e conduzi a mudança de esforço estratégico das operações do Norte para o Leste de Angola, naquilo que terá sido a maior operação no espaço, no tempo e nos meios e efetivos movimentados durante a guerra em Angola, garantindo condições para o seu sucesso.

Iniciada em maio de 1970 estava terminada em fins do mesmo ano, em operações permanentes, passando o dispositivo de 5 para 12 batalhões e atribuindo à zona de operações, mais de metade do território de Angola, para fazer frente ao esforço do inimigo e para receber um comando conjunto, desde o início destinado ao General Bettencourt Rodrigues que chegou a Angola em março de 1971 e conduziria a guerra e a Administração Civil, na Zona à sua responsabilidade, de forma excecional.

Nesta operação aos teus Dragões de Silva Porto, até aí uma unidade de instrução da Zona Militar Centro, foi dada uma missão operacional e integrada na Zona Militar Leste onde viria a ter um comportamento à altura da cavalaria portuguesa e dos seus Dragões.

Minhas senhoras e Meus senhores

Felicito o autor como militar, como homem de cultura e como escritor e afirmo que com a sua ação e o seu testemunho, bem como os dos que ali cumpriram os destinos do país, é hoje possível continuar a sentir que foi cumprida, com honra, uma missão militar e que o futuro que acabou por se desenhar, aponta para uma comunidade de novos Brasis, em que Portugal terá assumidamente novos irmãos.

Permitam-me que ilustre esta minha intervenção com dois poemas meus, um dedicado aos que regressaram vivos e outro dedicado aos que regressaram mortos. Um, não por acaso, tem por título, “Tempos Africanos” e o outro “Regresso”.

#### **TEMPOS AFRICANOS**

*Por mares por nós sempre navegados  
Partimos para uma guerra anunciada*

*Sob céus azuis cinzentos avermelhados  
Em terra de tempos africanos fadada  
Sofremos agruras de homens desterrados*

*Lutámos, lutámos ao lado das populações  
Apoio psicológico e social eram o lema  
Sempre que inimigo não impunha guerra  
Convívio humano e racial eram paz serena  
E desenvolvimento transformava a Terra*

*O tempo político usurpou boa vontade  
Dos que durante catorze anos se bateram  
Que importou a espada, o gládio e o arado  
Dos que na frente sabem o que fizeram  
Se na retaguarda político quedou parado*

*Até agora combatentes mal compreendidos  
Por políticos então opositores do governo  
Hoje Ilustres governantes bem sucedidos  
Aguardam apoios ou que o tempo os leve  
Até que pela História sejam reconhecidos*

## REGRESSO

*Está um vapor acostado ao cais  
Que suporta a dor de mulher e pais!*

*Do porão, em guindaste elevado ao céu,  
Sai um caixote envolvido em imaginário véu...*

*Véu de esperança à partida. Véu de guerra.  
Véu que deita alguns heróis por terra...*

*Traz dentro um marido e um filhote  
E o caixão, não é mais que um caixote...*

*Saiu entre muitos, com seu Batalhão,  
Regressa mais só... que a própria solidão...*

*Vem deitado. Erguido aos céus, não mexe mais  
Cai nos braços de mulher e pais*

*Alguém esperando, tem uma Bandeira na mão...  
Estende-a sobre um corpo dentro de um caixão...*

*Vem anónimo. Sem se saber o que terá sofrido  
Veio, como vem qualquer soldado desconhecido*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## ABERTURA DO CONGRESSO DOS COMBATENTES

10 de junho de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Hoje é dia de Portugal.

Tivemos já ocasião de participar na sua celebração. De manhã honrámos e evocámos os nossos combatentes mortos ao serviço de Portugal. Amanhã empenhar-nos-emos na reflexão sobre formas de conseguir o aprofundamento do reconhecimento e dignidade dos combatentes vivos. Neste momento, estamos reunidos para, simbolicamente, assinalarmos o facto de irmos dar início a um Congresso dos Combatentes, com aquela finalidade.

Como Presidente da Liga dos Combatentes cabe-me dar-vos as Boas Vindas e desejar que este espaço e momento de convívio satisfaça os objetivos que todos desejamos.

Como Presidente da Comissão Executiva do Congresso dos Combatentes quero também testemunhar a todos os presentes e a todos os Combatentes, o empenhamento de todas as Associações Participantes, nomeadamente das representadas na Comissão Executiva e das Associações Promotoras, sem o qual seria muito difícil, no espaço e no tempo disponíveis, materializar a realização deste Congresso.

Estão neste propósito praticamente a totalidade das Associações. As que verdadeiramente representam os que serviram e servem as Forças Armadas Portuguesas, num total de vinte Associações. É um verdadeiro Congresso Nacional dos Combatentes. É de facto um momento importante do nosso Movimento Associativo que merece ser assinalado e preservado.

Muitos se interrogam como foi possível, porquê e para quê esta unidade na ação. As respostas que dão a si próprios levam-nos a duvidarem dos propósitos, da conduta e a colocarem-se sob expectativa estratégica. E afinal a resposta é simples. É muito mais e de muito maior importância o que nos une, do que o que nos separa. O nosso esforço permanente tem sido afinal, e continua a ser, pelo aprofundamento do reconhecimento e da dignidade dos que serviram e servem nas Forças Armadas.

Representamos indiretamente mais de um milhão de portugueses que se bateram em África e os que hoje se batem nas Operações de Paz e Humanitárias e sentimo-nos unidos por sentimentos semelhantes aos vividos por mais de 4 milhões de portugueses se contarmos com as suas famílias. Representamos efetivamente cerca de 300.000 portugueses que um dia decidiram inscrever-se como membros de uma Instituição ou Associação de Combatentes e delas esperaram esforço e luta para que a solidariedade e o apoio mútuo fossem uma realidade.

Se nos mantivermos unidos, sem protagonismos, respeitando a história e a individualidade de cada uma das nossas instituições, seremos uma robustecida força na defesa da nossa dignidade e dos nossos direitos. Dignidade e direitos são os pilares dos anseios vitais de qualquer cidadão. Para os cidadãos que serviram ou servem as Forças Armadas um outro pilar faz parte desses desígnios vitais: o cumprimento dos deveres.

Enquanto exigimos ao Estado que nos garanta a dignidade e direitos correspondentes ao mérito das nossas ações, somos o único sector da sociedade portuguesa de quem o Estado recebe a garantia, como contrapartida, do cumprimento dos deveres, mesmo com o sacrifício da própria

vida. É essa a génese da nossa ímpar condição militar. Que nos uniu e nos une. Não prescindimos e garantimos por juramento, o cumprimento dos deveres. Temos moral para exigir dignidade e direitos correspondentes. Fomos e somos realmente únicos e diferentes.

Lutamos pelo reconhecimento efetivo por parte do Estado, dessa diferença, alicerçada na defesa dos interesses vitais de Portugal nas traiçoeiras florestas africanas ou nas difíceis montanhas do Afeganistão, de armas na mão, arriscando a própria vida. Não nos move nenhum projeto de ameaça ou de confrontação. Move-nos um projeto de ação cívica e política, aberta.

Move-nos um projeto que, reconhecendo algumas realizações e apoios concedidos até hoje pelo Estado, a esses homens e famílias, encerra a necessidade de uma ação cívica e política contínua que abra e aprofunde diálogos que conduzam a soluções para os graves problemas que se continuam a pôr aos combatentes de ontem e de hoje e às suas famílias. Sabemos e conhecemos os níveis de reconhecimento e respeito que os combatentes de ontem e de hoje respiram no Portugal Profundo.

É importante que se instalem iguais níveis no Portugal dos Governos. Importa que o olhar de apreço e de respeito que sentimos no Portugal rural e urbano tenha permanente correspondência no Portugal dos Governos. Encontrámos para discutir no congresso pontos de interesse comum aos que serviram e servem as Forças Armadas: Cidadania e Defesa, Apoio Social e Apoio à Saúde.

Discuti-los-emos amanhã de forma tranquila, superior e clara, por forma a abrir ou aprofundar canais já abertos, entre as nossas organizações e o atual e futuros governos e instituições da sociedade civil de Portugal, da empresa à universidade, capazes de nos apoiarem neste trabalho comum. Os únicos e verdadeiros donos e usurários desse trabalho e do produto útil final, que ele porventura venha a produzir, são exclusivamente os Combatentes e suas famílias. nomeadamente os mais carenciados no campo económico, físico ou mental.

Meus Senhores e minhas senhoras

O Congresso dos Combatentes deverá constituir um Momento de relevo e um tempo de apreciação, reflexão e debate que conduza a conclusões relativas à resolução de problemas que não fujam à perceção da sociedade portuguesa, antes pelo contrário, sejam por ela compreendidas e apoiadas. Estamos inseridos profundamente na sociedade portuguesa de uma forma transversal e conhecemos os problemas atuais do país. Para o cumprimento das finalidades a que nos propomos é, pois, espectável que os congressistas conduzam os trabalhos e a sua ação para que o Congresso Nacional dos Combatentes seja:

- Uma demonstração de cidadania, de civismo e de serenidade;
- Uma jornada de reflexão e análise conclusiva sobre as áreas de interesse comum definidas;
- Um momento histórico do associativismo dos combatentes ao juntar as associações que servem e serviram as Forças Armadas, na defesa dos interesses nacionais, com base numa condição que os une e uniu, a condição militar.

Não é, porém, lícito retirar da realização deste congresso qualquer conclusão de oportunismo político partidário quanto ao momento e aos fins do mesmo. Antes pelo contrário, tudo faremos para que as conclusões dos trabalhos permitam o enumerar de questões que possam conduzir à

realização de ações com carácter verdadeiramente estratégico e efetivo, no reconhecimento e no apoio à sua solução, quer por parte das próprias associações, quer por parte deste e futuros governos.

O Congresso começa e termina amanhã. Se nos mantivermos unidos nada será como dantes. Devemos, porém, estar cientes que será necessário muito esforço e compreensão mútua para que isso possa acontecer. Enfrentaremos forças externas e mesmo internas. Importa manter a determinação que nos une hoje.

Conhecemos bem o que nos separa. Mas conhecemos também o que nos conseguiu unir. O futuro não é amanhã. O futuro começa depois de amanhã e está nas nossas mãos. Termino agradecendo a todos mais uma vez a vossa presença no dia de hoje e faço votos para que o nosso congresso seja um verdadeiro sucesso.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## CONGRESSO DE COMBATENTES - SESSÃO DE ENCERRAMENTO

11 de junho de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. senhores

Acabámos de ouvir uma súmula conclusiva do Congresso. Dialogámos, refletimos, concluímos. Demos um testemunho da nossa unidade na ação relativamente aos temas propostos.

É importante assinalar que foram convidados os mais importantes representantes dos poderes públicos para estarem connosco ouvindo as nossas solicitações. Esperávamos estar mais acompanhados. Sentimo-nos um pouco sós e meio isolados. O sentimento de isolado aguça o sentimento de perigo, fomenta posições de defesa e endurece procedimentos. Seremos suficientemente fortes e ricos em cidadania para que isso não aconteça. Não queremos, porém, concluir que isso signifique menos apreço pela nossa causa que, quer se queira quer não, é uma causa de dimensão nacional. É importante que tenhamos a noção de que é nossa convicção de que este nosso Congresso não terminou. É um passo de um processo.

De um processo cívico e político que tem um propósito: fazer aquilo que é essencial para manter a dignidade dos combatentes o que constitui uma permanente obrigação de todos em especial dos seus comandantes. É por isso que muitos de nós aqui estão. A maior parte de forma voluntária. Não haverá divisões nem omissões. Haverá estratégia e ação direta cívica e política relativamente aos temas que aqui nos trouxeram. Importa que os valores, objetivos e grandes temas que nos conduziram até aqui de forma que a muitos surpreendeu e surpreenderá constituam a razão da nossa força.

Foi uma manifestação de maturidade, civismo e cidadania. Essa força tem que ser conservada na unidade da defesa de causas comuns e não na exploração de eventuais divisionismos, antagonismos ou mesmo contradições. Este congresso permitiu conhecermo-nos bem melhor e evidenciar o que nos une e o de que cada um é capaz. Importa dar vida às conclusões que resultaram do nosso trabalho. O futuro, fundamentalmente para os que serviram as Forças Armadas e são antigos combatentes, começa a confundir-se com o presente. Não temos mais tempo a perder. O apoio de que necessitamos para garantir uma velhice condigna aos que se bateram por Portugal, se vier amanhã... será tarde. Permitam-me, pois, apontar duas ou três metas que podemos ter em consideração tendentes a mantermos um sentimento e estratégia comum de unidade no respeito da diversidade e identidade coletiva de cada um. Num mundo em crise e num Portugal dividido conseguimos unir, em torno de temas comuns, as vinte associações de combatentes que sintetizam os sentimentos de mais de 4 milhões de portugueses e representam cerca de 300.000 cidadãos que um dia de inscreveram nas nossas associações.

Vivemos um momento histórico que importa preservar.

Para isso os objetivos que o materializam devem projetar-se no futuro e ser realizados e ser fortalecidos por ações similares. Posto isto considero: Em Primeiro lugar que é fundamental continuarmos organizados para, em conjunto, aprofundarmos e desenvolvermos trabalho conducente à solução dos problemas enunciados nas conclusões deste congresso, no âmbito da cidadania e defesa, apoio social, nomeadamente a inclusão social, e apoio à saúde, nomeadamente o Stress pós-traumático. Em Segundo lugar, assinalo que no ano de 2011 se perfazem 50

anos sobre o início da Guerra em África 1961 / 1975 A Liga dos Combatentes tem em andamento um programa de evocação dessa data. O cinquentenário do início da guerra colonial ou do ultramar julgo ser um tema que nos diz respeito a todos.

Devemos assinalar essa significativa data em conjunto, porventura partilhando os caminhos de memória com os nossos adversários de então. Para isso propomos que se juntem a nós e promovamos a constituição de uma Comissão Organizadora Conjunta para a Evocação do 50º Aniversário do Início da Guerra do Ultramar, tendo como finalidades:

- Organizar cerimónias evocativas do Esforço dos Combatentes de Língua Oficial Portuguesa;
- Evocação histórica e memória partilhada da história comum contemporânea;
- Análise das consequências e problemas para os combatentes, dos conflitos em que estiveram envolvidos;
- Preparação de um Congresso dos Combatentes, em princípio para o mês de fevereiro de 2011, como um dos atos evocativos dessa efeméride.

Preparemos, pois, uma comemoração de nível nacional em honra dos que se bateram nessa guerra e dos que ali caíram. Será em nossa vida uma das últimas oportunidades que os representantes políticos do país têm de agradecer e reconhecer a dignidade dos cidadãos Combatentes da guerra do ultramar e o sacrifício a que foram obrigados. Em terceiro lugar gostaria de vos referir que a Liga dos Combatentes a que presido, não se revê apenas numa determinada guerra. Pelo contrário como a nossa História e os nossos estatutos apontam, caracterizam-nos como uma instituição perene. Invocando o nosso passado histórico estamos profundamente abertos a que todas as Associações participantes deste congresso sejam por iniciativa própria, membros coletivos apoiantes da Liga dos Combatentes.

Juntar-se-ão a outras instituições que nos deram essa honra. Em quarto lugar, que novas ações que conduzam à reunião das nossas associações se façam sob a égide do conceito que de facto nos juntou aqui hoje: - o de uma verdadeira União dos Combatentes de Portugal que importa manter e preservar. Pela primeira vez existiu uma união que permitiu uma estratégia a desenvolver com um propósito.

Termino afirmando que foi como subida honra que me vi indigitado para Presidente da Comissão Executiva deste Congresso.

Quero aqui invocar o apoio recebido do Dr. Ferraz da ANCU, Coronel Tasso de Figueiredo da AOFA, Sargento-ajudante Lima Coelho da ANS do Coronel Santa Clara Gomes da A25A, Coronel Oliveira Marques da ACmds. Ao secretariado do Congresso a cargo da Liga dos Combatentes sob a orientação do Coronel Adalberto Travassos e com o apoio de trabalhos da ANS, APA, APVG, AOFA, da ACmds e da ANCU, os meus agradecimentos. Uma palavra de agradecimento ao speaker Tenente-Coronel Diogo. Do mesmo modo a todos aqueles que com as suas comunicações deram vida a este congresso. Igualmente os meus agradecimentos aos relatores Major-general Martins Rodrigues, 1º Tenente Paulo Martins e Coronel Hilário. E ao apresentador das conclusões Coronel Santa Clara Gomes. Aos Moderadores dos três painéis, Almirante Batista Rodrigues, Professor Doutor João Hipólito e Professor Dr. Freitas, aos quais se deve a condução e excelente andamento dos trabalhos do Congresso.

Não posso deixar de sublinhar o apoio da Liga dos Combatentes e da Câmara Municipal de Lisboa e FORUM Lisboa, cedendo instalações para a sua execução.

Finalmente desejo referir que tendo obtido o consenso da Comissão Executiva quanto à obtenção da posição do General Ramalho Eanes sobre a realização do Congresso este, não tendo mostrado total concordância quanto ao momento de realização do mesmo, foi claro quanto à sua concordância com o propósito e objetivos do mesmo, tendo-se mostrado satisfeito pela unidade conseguida e pelo propósito do congresso: o reconhecimento e dignidade do combatente.

Termino, reafirmando que foi para o Presidente da Liga dos Combatentes, uma honra ter sido Presidente da Comissão Executiva deste Congresso Nacional dos Combatentes de 2009. Muito obrigado por todo o apoio e confiança depositada.

Muito obrigado a todos.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## DIA INTERNACIONAL DA PAZ

21 de setembro de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmos. Senhores

Neste lugar, espaço Pátrio, onde cerca de dez mil nomes se perfilam, qual guarda de honra permanente ao Monumento aos Combatentes do Ultramar e aos Soldados de Portugal, evoca-se hoje, 21 de setembro de 2009, o Dia Internacional da Paz, recomendado pela ONU e pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes.

Este lugar, vem-se tornando, cada vez mais, um Altar da Pátria, altamente significativo especialmente para os combatentes de Portugal e para suas famílias. Mas ao evocarmos a Paz, daremos testemunho da forma como temos desenvolvido ao longo da nossa História. duas Grandes Batalhas:

- A Batalha pelos Valores e
- A Batalha pela Dignidade do Homem, a Dignidade do combatente.

Em ambas travamos continuamente duros combates.

Na Batalha pelos Valores travamos:

- O combate pela promoção da História;
- Combate p'la promoção dos símbolos nacionais;
- O combate pela ética e direitos humanos;
- O combate pela cultura cidadania e defesa;
- O combate pela conservação das memórias.

Na Batalha pela Dignidade desenvolvemos:

- O combate pela solidariedade e pelo apoio mútuo;
- O Combate pelo apoio médico psicológico e social;
- O Combate pelo apoio aos idosos;
- O combate pelo apoio às viúvas;
- O combate pelo apoio aos deficientes;
- O combate pelo apoio aos sem-abrigo;
- O combate pela inclusão e contra a exclusão social de Combatentes e Famílias.

Enfim, o combate pela vida. Pela vida condigna dos Combatentes. Um combate verdadeiro pela Paz, dos que tiveram que fazer e dos que tiveram com eles que sofrer, a guerra.

Batalhas que vimos travando pelos verdadeiros Direitos do Homem, agora que a Assembleia-geral das Nações Unidas assinam, dentro de dias, o Protocolo Facultativo ao Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais, dando assim relevo à nossa histórica linha de conduta.

Caros Combatentes

Minhas senhoras e meus senhores, reafirmo o que aqui disse, faz precisamente um ano:

Hoje é Dia Internacional da Paz. Assim foi estabelecido pela ONU. É uma decisão política importante. Mas a Paz, não é fruto de decretos. A Paz é fruto de atitudes.

Nós, combatentes, conhecemos num longo período das nossas vidas, a realidade da vida, em estado de guerra. Conhecemos algo que nenhum de nós ambicionou conhecer.

Nós que tivemos que fazer a guerra, somos o veículo ideal para dizer aos que a não fizeram e aos políticos que a determinam, que ela um absurdo, uma catástrofe e sempre destruição de vidas e bens.

Só a luta pela sobrevivência ou a defesa dos mais altos valores de uma sociedade em perigo, pode justificar o uso da força. Por isso, quando hoje aqui nos reunimos evocando a Paz para o mundo, sabemos, conhecemos a verdadeira realidade humana. Fomos parte, da parte difícil da verdadeira história do homem na Terra.

Uma história de guerra e paz. Uma história de paz e guerra. Uma História de conflitos e tranquilidades. Mas sabemos que no mundo inteiro, qualquer cidadão, qualquer homem, mulher ou criança ambiciona Paz, Segurança, Justiça, Liberdade e Bem-Estar. Mas muitas vezes sem que tenha força para o impedir, ou mesmo sem sequer para tal ser ouvido, dão-lhe guerra.

É importante então, para que não nos sintamos aqui num encontro utópico, que aqui apelemos, hoje, para que todos os atores internacionais, fundamentalmente aqueles que dominam a cena internacional, atuem para que os períodos de Paz sejam exponencialmente superiores aos períodos de guerra e que façam tender estes, para zero.

Mas mesmo nesses períodos, em que se reconheça ser a guerra inevitável, é fundamental que os princípios do direito internacional e os valores universais e os direitos humanos, tenham peso superior aos interesses por parte de quem toma a decisão de fazer a guerra.

As Nações Unidas têm feito grandes esforços, mas têm-se mostrado incapazes de impedir a guerra.

Talvez por isso Kofi Annan quando apelou para que se evocasse no mundo inteiro, um dia internacional da Paz, a 21 de setembro, reconhecia a incapacidade da ONU e procurava na sensibilização dos cidadãos do mundo inteiro a força para que fosse possível, mais Paz.

A iniciativa da FMAC para que em todos os países pertencentes esta organização de antigos combatentes se fizesse uma marcha pela Paz de acordo com a orientação da ONU no dia 21 de setembro, teve a adesão da Liga dos Combatentes e da ADFA, pertencentes àquela Federação há longos anos que convidaram as associações de combatentes aqui hoje presentes. Quando falamos de Paz somos normalmente levados a pensar em conflitos de origem externa e em que estivemos, estamos ou podemos estar envolvidos.

Uma palavra de estímulo para aqueles militares que hoje, face a decisões políticas tomadas, se encontram em teatros de guerra.

Para eles o nosso carinho e desejos de sorte e eficiência nas missões que lhe forem atribuídas e que elas sejam o mais curtas possíveis por aí se ter encontrado a Paz. Mas as situações de Paz na ordem externa recebem um grande contributo de Paz na ordem interna das diferentes sociedades. Paz na Política, Paz na Sociedade e nas suas diferentes componentes, Paz na Família, Paz no interior de cada cidadão. Paz na rua.

E se também aqui, fruto do domínio das regras de vida em sociedade, se conseguir com eficiência, eficácia, equidade encontrar a forma mágica de atingir em elevado grau os objetivos atrás referidos, de Segurança, Justiça, bem-estar e Liberdade, então os períodos prolongados de Paz interna e o equilíbrio de uma Paz externa serão uma realidade possível.

A Paz na sociedade vive muito da tranquilidade conseguida nas suas diferentes componentes. Julgamos estar já demonstrado que nós combatentes, somos uma das partes significativas dessa sociedade. Mais. Uma parte dessa sociedade que quando foi entendido pegar em armas para defender a outra parte não hesitou em fazê-lo e assume que o fez com honra no cumprimento de um dever. Tal como ser militar não significa ser militarista, defender a Paz não significa ser pacifista. Significa ser realista. Significa ser consciente e informado dos valores pelos quais vale a pena lutar.

Por isso, é hoje muito importante que nos sintamos em Paz. Em Paz com a nossa própria consciência. Se assim for, podemos exigir que sejamos olhados pelos decisores políticos, não como os que fizeram uma guerra do outro regime, mas como combatentes que fizeram essa guerra e fariam as guerras do atual regime, como o mesmo sentido patriótico e o mesmo empenhamento, que o fazem os combatentes de hoje.

Muito importante se torna pois que algumas justas reivindicações de combatentes idosos, deficientes ou carenciados sejam atendidas, para que assim possam atingir a sua Paz de espírito individual e possam contribuir para a Paz de espírito coletiva. Não faz sentido apelarmos para um Dia Internacional da Paz se internamente não dermos o exemplo de sucessivos dias de Paz interna. Conjugação de esforços, trabalho, tolerância, coesão na prossecução de objetivos verdadeiramente nacionais, respeito pelos direitos humanos, são contributos positivos para essa Paz interna e indiretamente para a Paz Internacional.

Termino exortando a que :

- Ajudemos a preparar comunidades e sociedades para viverem em Paz;
- Construamos o diálogo e a confiança entre antigos beligerantes;
- Tenhamos em consideração e legislemos para a resolução dos problemas com que se debatem diferentes gerações de combatentes, bem como de mulheres e crianças afetadas pela guerra;
- Atuemos com o nosso contributo de combatentes para a Paz e Segurança Internacional e para o respeito do conceito alargado dos Direitos Humanos.

Enfim, que a voz levantada hoje pela Federação Mundial dos Antigos Combatentes a favor da Paz, pelos mais de 27 milhões de antigos combatentes que a compõem, em mais de cem países de cinco continentes, seja suficientemente alta e poderosa para ser ouvida.

Nós que sofremos a guerra  
Que no corpo e alma marca nos deixou  
Nós que fizemos a guerra  
Mas a quem a lei da morte não levou  
Aqui afirmamos, seja a Paz único lema  
Que morrer por ele, valha a pena!

Vale a pena, os combatentes repetirem a Marcha pela Paz, o Discurso e as Palavras, quando houver uma finalidade e um sentido profundo.

Era bom que a sua repetição conduzisse a quem ouvisse com capacidade para decidir pela Paz.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## 91.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 86.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES E 35.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

14 de novembro de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional  
Prof. Dr. Augusto Santos Silva

Excelência

Testemunho a Vª Exª o apreço e reconhecimento da Liga dos Combatentes e das Associações de Combatentes aqui presentes, por ter decidido aceitar o convite para presidir a esta cerimónia, poucos dias após ter tomado posse como Ministro da Defesa Nacional. Os primeiros atos marcam pessoas e Instituições. Os nossos sinceros desejos das maiores felicidades no desempenho do alto cargo que assumiu e os nossos agradecimentos por ter decidido partilhar connosco sentimentos comuns.

Exmo. Senhor General Valença Pinto

s meus sinceros agradecimentos por, como distinto sócio da Liga dos Combatentes e Membro Honorário do seu Conselho Supremo, ter aceitado fazer a oração tradicional neste dia em que se evocam valores supremos, juntando-se assim a ilustres oradores de anos anteriores. Representa Vª. Exª todos aqueles que são (o presente) o futuro da nossa Instituição

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar, Dr. Marcos Perestrello

A presença de V. Exa. neste simbólico dia para a Liga dos Combatentes e combatentes em geral, é para nós uma Honra. Desejamos a V. Exa. as maiores felicidades no desempenho de tão importantes funções.

Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado-maior da Armada

Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior do Exército

Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior da Força Aérea

Exmo. Senhor Chefe da Casa Militar de Sua Ex.ª o Presidente da República

Agradeço sensibilizado a vossa presença e todo o apoio que vêm dando à Liga dos Combatentes.  
Senhor Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança D. Januário Torgal Ferreira

Ex.ª Reverendíssima

A disponibilidade permanente que tem demonstrado para estar com os combatentes nos dias mais significativos, sobretudo quando se evoca a Paz entre os Homens, é um atributo que lhe reconhecemos e que mais uma vez temos o prazer de partilhar e de lhe agradecer.

Caros Combatentes

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Neste lugar cada vez mais Altar Pátrio, cada vez mais lugar de encontro da História de Portugal com o Mundo, onde o Homem tem vindo a cruzar símbolos do início do Império com símbolos do fim desse mesmo Império, encontramos-nos mais uma vez, hoje, para evocar o 91.º Aniversário

do Armistício da Grande Guerra, o 86.º Aniversário da primeira ata criadora da Liga dos Combatentes e o 35.º Aniversário do fim da Guerra do Ultramar. Com esta cerimónia encerramos as cerimónias iniciadas em todo o País no dia 11 de novembro.

Evocamos, pois, por um lado, o passado histórico e os Valores da Paz que ajudámos a construir em 1918 e em 1974. Por outro lado, sublinhamos os Valores da Solidariedade e Apoio Mútuo, um dos pilares da criação e da sustentação da nossa identidade coletiva, na procura do reconhecimento da dignidade do combatente. Duas Grandes Batalhas, que têm motivado os que hoje servem e os que serviram ao longo da sua História a Liga dos Combatentes: A Batalha pelos Valores e a Batalha pela Solidariedade.

Batalhas com muitos e diferenciados combates nas mais diversas frentes, prolongados no tempo e no espaço e que nos impõe perseverança, determinação e disponibilidade permanente na luta pela resolução dos problemas dos que servem ou serviram as Forças Armadas. Poucos sabem, melhor do que nós, combatentes, reconhecerem quem nos reconhece e distinguirem estes sentimentos cruzados, de realidades como a Paz e a Guerra, a solidariedade e o abandono, o reconhecimento e a falta dele a alegria e a tristeza, a coragem e a cobardia, a lealdade ou a traição.

Mais uma vez cruzamos hoje, a alegria de aniversários de Nascimento e Paz, mas também de Tristeza e Morte na Guerra. E é nestes dias, nestes momentos, que se cruzam em nosso pensamento os mais altos Valores que enriquecem o Homem e aqueles que o empobrecem. Os que hoje vivos podem testemunhar os sacrifícios da aplicação da violência, tenha sido na guerra de guerrilhas em África, seja na guerra de guerrilhas que hoje enfrentam na Europa e na Ásia ou noutras que se lhe sucederem, sabem que houve e haverá sempre um único Grande Herói: - o Povo português.

Bastará recordarmo-nos que na Índia e em África de 1954 a 1974, esteve mais de um milhão de soldados portugueses. Todos eles tinham Pai. Todos tinham Mãe. Avós maternos e paternos. Alguns casados e com filhos. Tal significa que, desse povo, pelo menos 7 milhões de portugueses sentiram no seu íntimo poder vir a perder na guerra, um seu ente querido. É esse povo, que coloca os seus filhos á disposição das decisões do poder político, quantas vezes discutíveis, que devemos venerar como o verdadeiro Grande Herói na nossa existência, enquanto país soberano, independente e cosmopolita. É, pois, com natural regozijo que sentimos juntarem-se a nós, altos responsáveis políticos e militares, bem como muitos combatentes e famílias e população em geral, quando evocamos os maiores desse povo, numa convergência de sentimentos que reforçam o conceito de que a defesa nacional somos todos nós". Demonstração, plena de compreensão da importância da nossa missão, Liga dos Combatentes, enquanto Contribuintes e impulsionadores ativos na promoção da História, da cultura cidadania e defesa, dos símbolos nacionais, da conservação das memórias, do apoio médico psicológico e social aos mais carenciados, enfim enquanto garante da honra dos que caíram e da dignidade dos que sobreviveram. Não estamos sós, na Europa. Nem somos impulsionadores de algo que é passado.

Estamos aqui hoje, com o mesmo sentimento do presente que levou o Presidente Sarkozy e Angel Merckel a reunirem-se no dia 11 no Arco do Triunfo e a Rainha Isabel II nas cerimónias de Londres: O sentimento da reconciliação, da partilha de memória, o reconhecimento dos erros que conduzem à guerra e seus horrores. Estamos, pois, partilhando os mesmos valores e a mesma ambição para Portugal e para Europa: - Prosperidade e Paz. Há precisamente um ano que neste lugar vos sintetizei o que temos vindo a fazer para o aprofundamento dos objetivos que o nosso estatuto nos impõe.

As ações que continuámos a desenvolver são todas elas resultantes duma Atitude que definimos para nós e para quem connosco trabalha. Tal Atitude pode resumir em três grandes ideias: - Abertura, Inovação e Entusiasmo para a Mudança. Abertura que no corrente ano se materializou na realização de mais parcerias e protocolos em que destacamos os realizados com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a Misericórdia do Porto, a Associação da Luta de Libertação Nacional de Moçambique, com a Associação dos Combatentes do Estado Português de Angola, com a Fundação dos Veteranos da Luta de Libertação de Timor, com o Núcleo da Liga dos Combatentes, em São Vicente, Mindelo, Cabo Verde, bem como com ações com a Revista Segurança e Defesa.

Abertura que se viu enriquecida com participação conjunta de todas as Associações que se batem pela dignidade dos que serviram e servem as Forças Armadas, num Congresso dos Combatentes e que deram uma demonstração de unidade de propósitos no que diz respeito à cidadania e defesa, ao apoio social e ao apoio à saúde. Abertura que nos permite integrarmo-nos perfeitamente naquilo que o senhor Ministro da Defesa Nacional chama o “Novo Paradigma da Defesa Nacional e das Forças Armadas” e nos permitirá aprofundar a Passagem de Testemunho aos Novos Combatentes já iniciada, na garantia da perenidade e modernidade da nossa Instituição.

Abertura que nos vem garantindo uma nova imagem que se deseja sempre renovada e que tem facilitado a outra grande vertente da nossa atitude: A inovação.

Estamos a implementar um plano de comunicações e informatização de todos os Núcleos, bem como desenvolvemos um outro plano que conduz à digitalização do Arquivo Histórico da Liga (se para tal conseguirmos as verbas necessárias).

Acabamos de instalar na sede da Liga dos Combatentes o primeiro Painel Fotovoltaico que nos transforma num produtor de energia e um contribuinte ativo para o bom ambiente, com as respetivas contrapartidas financeiras.

Estamos com alguns combatentes e a grande maioria dos funcionários, empenhados na utilização dos Programas Novas Oportunidades tendo como objetivo proporcionar a todos o 12.º ano, contribuindo assim ativamente nos programas da educação para a cidadania. Apoiamos diversas teses de mestrado e doutoramento coordenando diversas ações com os nossos combatentes, ao mesmo tempo que desenvolvemos ações de formação em vários campos e da investigação no âmbito da saúde, em coordenação com a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade de Coimbra.

Este estado de espírito de abertura e inovação tem-nos garantido o entusiasmo permanente para a ação e para a mudança. Mudança sem rotura que se materializa na procura da modernidade e no aprofundamento permanente de mais solidariedade, mais apoio mútuo, mais dignidade, mais reconhecimento dos que serviram as Forças Armadas e Forças de Segurança, no respeito dos valores expressos pela UNESCO e dos Direitos do Homem. Talvez por compreenderem essa postura da Liga dos Combatentes, tenhamos voltado no corrente ano a aumentar o número de núcleos e o número de sócios e a ver levantarem-se mais e mais monumentos em honra e memória dos combatentes por Portugal.

No âmbito do Programa Estruturante Liga Solidária desenvolvemos no corrente ano a primeira fase das obras do Lar dos Combatentes e da Creche do Porto que esperamos inaugurar no primeiro

trimestre de 2010 em apoio de combatentes idosos e dos seus netos. Aguardamos decisão do Ministério da Segurança Social quanto aos Lares de Estremoz e Vila de Rei e a cedência de instalações em Castelo Branco já solicitadas ao MDN.

No que diz respeito ao Programa Conservação das Memórias, sublinho o apoio dado pelo EMGFA e recebido no terreno através dos Adidos de Defesa e Militares, bem como dos militares em tarefas no âmbito da DGPDN. Assinalo a terceira operação realizada na Guiné, em Gabu, para concentração de ossadas na cidade de Bissau a que se seguirá a Operação Guiné Sul, a partir de amanhã, com a qual se espera materializar o objetivo principal: Fazer do Cemitério de Bissau o cemitério digno, onde se encontram concentrados os militares que saídos de Portugal ali se bateram.

Hoje homenagearemos três militares, caídos na Guiné, recuperados, no âmbito deste Programa, em Guidaje e só agora identificados com o apoio do Instituto de Medicina Legal de Coimbra. Com estes três militares ascende a oito o número de militares de que as famílias solicitaram o regresso da Guiné. Homenageamos também combatentes caídos por terem servido as FA portuguesas na Guiné, descerrando uma placa com 53 nomes de militares Comandos.

Do Plano Estruturante Cultura Cidadania e Defesa assinalo no corrente ano as obras de recuperação deste Monumento aos Combatentes do Ultramar e a continuação da recuperação e manutenção do Forte do Bom Sucesso, para além de inúmeras ações no âmbito da Cultura Cidadania e Defesa de que destaco os Prémios Defesa Nacional/Liga dos Combatentes entregues a alunos dos Estabelecimentos Militares de Ensino, as conferências “Fim do Império”, as exposições e publicações levadas a efeito.

De extraordinário relevo no âmbito da inovação e modernização é o levantamento do Programa Estratégico Estruturante Cuidados de Saúde que este ano nos permitiu o apoio aos nossos membros mais necessitados nos campos da doença, nomeadamente da doença mental, bem como da inclusão social. Foi criado e dotado em pessoal, material e instalações, o Centro de Estudos de Apoio Médico Psicológico e Social e montados Cinco Centros de Apoio Médico Psicológicos e Social em Lisboa, Coimbra, Porto, Chaves e Loulé, com o apoio de médicos, psicólogos e assistentes sociais, alguns em regime de apoio voluntário à Liga dos Combatentes. Com este serviço e seu desenvolvimento queremos vir a garantir os serviços de qualidade a que nos comprometemos com o Ministério de Defesa Nacional em protocolo próprio.

Todos estes planos estruturantes têm tido o apoio do Ministério da Defesa Nacional. Sem esse apoio que aliás os Estatutos estabelecem, não teriam sido possíveis os resultados alcançados no apoio aos combatentes.

Não quero terminar sem fazer uma referência especial a todas as Direções dos 80 Núcleos e membros dos Corpos Sociais da Liga, num total de mais de quatrocentos dirigentes voluntários que enquadram e dirigem uma Instituição quase secular, com dezenas e dezenas de milhar de sócios e dizer-lhes que sendo uma honra estar com eles, à sua frente, tenho um sentimento profundo de que muito tem sido feito e que por isso considero que a nossa Liga dos Combatentes estando cada vez mais forte, o que significa cada vez mais útil, pode gritar a plenos pulmões o seu grito: Liga dos Combatentes? Valores Permanentes! Liga dos Combatentes? Em Todas as Frentes!

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR NA FIGUEIRA DA FOZ

26 de novembro de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz

Exmo. Senhor Presidente da Junta de freguesia

Exmas. Autoridades Religiosas, Cíveis e Militares

Exmo. senhor Presidente do Núcleo da Figueira da Foz

Nesta cidade da Figueira da Foz, onde a Figueira, Palheiros e Buarcos se entrelaçam, no final do leito do rio mais português de Portugal, onde a Serra da Boa Viagem e o seu cabo Mondego se continuam em ribas fragosas, dando lugar a praias de um bom repouso e o rio abre seus dois braços no Atlântico, ergue-se uma cidade recente, moderna mas cheia de História e onde a sua população conhece tanto o trabalho árduo das minas, como a dureza traiçoeira do mar ou a beleza soalheira das praias, tendo sabido sempre tanto encontrar progresso e desenvolvimento como contribuir para a defesa e História de Portugal

História de ocupações. Invasões e de piratas que resultam de uma posição estratégica que tanto tem representado ponto de entrada para aproximação a objetivos vitais, como ponto de retirada estratégica em situações difíceis. Disso é testemunha a Fortaleza de Santa Catarina e algumas das suas muralhas simbólicas.

Hoje colocamos na Figueira da Foz mais um memorial símbolo histórico do seu contributo para a defesa nacional.

A Figueira da Foz junta-se hoje a 130 lugres no país onde se esculpiram no ferro e na pedra o esforço e sacrifício dos homens que na geração dos anos 60 e 70 do século passado estavam em condições de pegar em armas e defender os interesses vitais do país, então assim considerados pelos políticos.

Interrogo-me porquê, nos últimos quatro anos se ergueram mais monumentos do que nos últimos quarenta.

Encontro algumas respostas.

Em primeiro lugar porque o sentimento de gratidão e a vivência interior do que foi o esforço pedido a essa geração se encontra presente e bem presente na população portuguesa. Em segundo lugar porque a Liga dos Combatentes e os combatentes em geral, têm trazido à luz do dia a necessidade de assumir a História sem complexos antes pelo contrário, com o sentimento de um dever cumprido.

Finalmente porque as populações entendem e os combatentes concordam que os feitos então praticados e os que então deram a vida merecem que seja deixado para os vindouros, um sinal, uma marca perene desses feitos e suas circunstâncias.

Somos a geração da 2ª Grande Guerra, da Guerra Fria, das Guerras de África e do 25 de Abril. Somos a Geração da 2ª metade do séc. XX que marcou o fim do Império de que a guerra do Ultramar foi o episódio final duma grande epopeia ultramarina.

Quis a História que fossemos nós que nos batemos para que assim não fosse, fomos nós a batermo-nos para que assim fosse, face às decisões e indecisões políticas de então.

Temos, pois, toda a legitimidade e orgulho para com Honra deixarmos as marcas do esforço que então foi pedido aos portugueses, esculpindo-as nos mais importantes ou profundos lugares do país e no estrangeiro.

Por isso como Presidente da Liga dos Combatentes cumpre-me agradecer ao senhor Presidente da Câmara da Figueira da Foz, à população desta cidade, aos seus combatentes, aos promotores deste monumento e Núcleo da Liga da Figueira da Foz esta iniciativa histórica e patriótica que ficará a marcar de hoje em diante a história da cidade, a sua participação no esforço de guerra e os seus heroicos cidadãos-soldados.

A Liga dos Combatentes instituição perene que recebeu dos combatentes da 1ª GG o seu testemunho e hoje o transmite aos que se batem no Líbano, na Afeganistão, no Kosovo ou em Timor e noutras partes do Mundo, garante hoje, como o fez perante a Comissão dos Padrões da GG, que sendo a herdeira dos seus valores, será a sentinela atenta e permanente de que a estes lugares e símbolos será sempre garantida a dignidade que merecem e defendida a finalidade para que foram erguidos.

Parabéns aos que conceberam e construíram a obra. Parabéns à Figueira da Foz.  
Parabéns aos combatentes por Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

## MENSAGEM DE NATAL

15 de dezembro de 2009

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. senhor SEDNAM Dr. Marcos Perestrello

Em meu nome pessoal e dos que integram a nossa Instituição agradeço a V<sup>a</sup> Exa. ter aceitado o nosso convite, para partilhar connosco este convívio de Natal.

Bem-vindo à nossa sede, pela primeira vez nas atuais funções. Quiseram as circunstâncias, que seja numa reunião especial de família, o que muito nos honra.

Exmo. Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral, General Brochado de Miranda, muito obrigado por mais uma vez estar connosco.

Exmo. senhor Presidente do Conselho Supremo, General Altino de Magalhães. Vem V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> cumprir mais uma missão, com o sucesso habitual, tal como o fez ao longo de toda a sua vida. Como Presidente da Direção Central agradeço profundamente todo o apoio prestado e toda a amizade demonstrada, continuando Liga dos Combatentes a contar com o meu general e o meu general connosco.

Exmos. Senhoras e Senhores Convidados  
Caros Colaboradores e Caros amigos

O Natal aproxima-se. Aproximam-se mais os amigos. Aproxima-se mais a família. Para marcar esse poético e tradicional medidor do tempo, aqui estamos hoje mais vez. Desde o último convívio que tivemos pelo mesmo motivo, alguns amigos nos deixaram.

Permitam-me que entre eles refira os membros do Conselho Supremo Almirante Sachetti, e General Basto Machado, o Major-general Lopes Camilo e o Presidente do Núcleo de Leiria Major Serafim Ribeiro. Curvamo-nos sobre a sua memória e de todos os que nos deixaram.

A Liga não esquece. Mas Natal é período de evocar o Nascimento. Evocar a Vida. Vida que é a sucessão de momentos marcantes, positivos e negativos, de um percurso individual ou coletivo.

Para muitos de nós que aqui estamos e para nossas famílias, esses momentos marcantes da vida, foram momentos de guerra ou preparação para ela e momentos de paz.

Permitam-me que hoje neste período de Natal, como já referi, período poético, afável, de pausa, de tréguas enfim de paz, vos não fale da nossa Liga e seus objetivos e do que nos propomos continuar a fazer, com o vosso apoio em proveito dos combatentes. Sinto que estamos todos na mesma embarcação e todos conhecemos o rumo e reconhecemos de consciência tranquila, o trabalho que vem sendo realizado.

Decidi, pois, evocar neste momento Natalício, de uma forma sintética e sugestiva, momentos marcantes da nossa memória e vida coletivas, recorrendo à forma de expressão poética própria da época e que tanto admiro.

Nas décadas de 50, 60, e 70 do século passado, os Natais de nossas mães e pais, eram de receio e expectativa silenciosa.

As recordações de tais momentos levaram-me a este poema a que dei o título de “No Horizonte”:

### NO HORIZONTE

*Deixei meu filho ir p'ro mar  
Ir para longe da terra... lutar!  
Dizem-me que vai p'ra guerra  
Poderá não voltar!...*

*No cais  
Muitas mães a chorar  
Deixaram seus filhos ir p'ro mar*

*Não vão sós!  
Vão em vapor militar  
Vão p'ra longe da terra...lutar!  
Volto à Serra, volto ao Monte  
Deixei meu filho ir p'ro mar  
Continuo a vê-lo no Horizonte!*

Volvidos anos sabemos que a maioria desses filhos voltou e outros, de facto, lá ficaram para sempre, confirmando o receio daquelas mães e pais.

Mas todos eles, nos conduziram a um conceito de heroicidade, tão anónima quanto desapercibida, que expressei em poema sob o título de “Heróis:

### HERÓIS

*Não. Não navegam no sofrimento  
Os que então cumpriram seu dever  
De cabeça erguida, sem lamento  
São da Pátria Heróis sem o saber.*

*Vivem!  
Vivem mesmo os que morreram!  
Todos!  
Todos os que juntos sofreram  
Vivem!  
Vivem anónimos e altivos  
Entre aqueles que os esqueceram!*

*Hoje, Grandes Homens ou mendigos  
São no Portugal atlântico e europeu  
Heróis Pátria mesmo desconhecidos  
Heróis com nome que guerra não levou!*

Entre o momento daquelas mães continuarem a ver seus filhos no horizonte, o momento de, posteriormente, outros os considerarem ou não heróis e o momento que nos traz aqui hoje, há um fator terrível, que tudo marca e tudo decide: o Tempo.

Mesmo “O Tempo Morto”. E é esse que leva à poesia.

### TEMPO MORTO

*O Tempo passa o Tempo  
Que passa e faz do Tempo  
Um Tempo já passado!*

*Como a Água que passa  
No Rio e faz do Rio  
Um Rio de Águas passadas!*

*Ou o vento que passa  
Pelo vento e faz do vento  
Um vento que já passou!*

*A Água alimenta!  
O Vento respira!  
O Tempo mata*

*O Tempo mata o Tempo  
E faz do Tempo morto  
Um Tempo já passado.*

*O Tempo mata o Homem  
O Homem mata o Tempo!  
Não importa o momento!*

*Só os Tempos Futuros  
Dos Tempos que passam  
São Aguas e Ventos puros.*

Mas se só os Tempos Futuros nos garantem Águas e Ventos puros, são as águas e os ventos que passam que caracterizam o Mar da Vida onde, face às dificuldades que o caracterizam, há sempre um vapor acostado ao cais, na esperança de águas e ventos puros.

Foi isso que procurei expressar ao escrever “Mar da Vida”:

### MAR DA VIDA

*Há sempre um vapor acostado ao cais  
Um vapor que está dentro de nós  
Um vapor que somos todos nós  
Um vapor que por vezes deriva  
Outras impede que se faça estiva  
Mas que consigo carrega esperança  
Da vitória, do sucesso, da mudança.  
Há sempre um vapor acostado ao cais.  
Ao cais da Vida, ao cais da História  
Ao cais do Amor, ao cais da Glória  
Ao cais da Cidade, ao cais do Destino  
Ao cais do Olimpo, ao cais do Divino  
Ao cais do Ocaso, ao cais da Teoria  
Ao cais dos Valores, ao cais da Poesia.  
Nós que somos a sua doura tripulação  
Nós que temos tais vapores em nossa mão  
Naveguemos sempre em águas escolhidas  
Preferindo do Mar as águas vivas  
Acostando em terra sempre ao cais  
Onde não haja dor de mulher e pais.*

Termino esta mensagem de Natal sublinhando a importância de “Navegar sempre em águas escolhidas”, “Preferindo do Mar as águas vivas”

É com esta mensagem que vos incentivo à procura permanente de uma vida de valores, desperta, ativa, digna, construtiva, destruidora de angústias e criadora de esperança. Com ela termino.

Agradeço o apoio e a presença de todos e desejo-vos Boas Festas e um Feliz Ano cheio de “águas e ventos puros”.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general